

***PARA A (PESQUISA EM) EDUCAÇÃO UM CORPO SEM
ÓRGÃOS: DESTERRITORIALIZAÇÕES A PARTIR DO FILME
ILHA DO MEDO***

Cristian Poletti Mossi

Universidade Federal de Santa Maria

Marilda Oliveira de Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Que relevância tem nossos intuitos, problemáticas e objetos de pesquisa, para além de nós mesmos? Nossas pesquisas poderiam ser pensadas enquanto espécies de delírios onde invencionamos nossos próprios objetos para poder deles nos nutrir? No intuito de problematizar tais questionamentos, o artigo apresenta como fio condutor o filme *Ilha do Medo* (Shutter Island, Martin Scorsese, EUA, 2010), a fim de lançar algumas proposições reflexivas acerca do que pode significar fazer pesquisa e produzir conhecimentos no campo da Educação. Nesse sentido, pontuam-se algumas questões gerais da narrativa fílmica e, na sequência, apresentam-se as atuais intenções de pesquisa do autor em seu projeto de tese de doutoramento, onde a prática do Corpo sem Órgãos enunciada por Artaud (1986) e evidenciada por Deleuze e Guattari (1995-1997) toma lugar central com o intento de pensar o campo da Educação. Finalmente, propõem-se alguns tensionamentos mediante aos impactos de tais reflexões na investigação.

Palavras-chave: Pesquisa e produção de conhecimentos. Educação. Corpo sem Órgãos.

*FOR THE (SURVEY ON) EDUCATION A BODY WITHOUT ORGANS:
DETERRITORIALIZATIONS BASED ON THE MOVIE SHUTTER ISLAND*

ABSTRACT

Which relevance has our intentions, problems and objects of survey other than ourselves? Can our surveys be thought while types of deliria where we invent our own objects in order to be able to nourish ourselves from them? With the intention to problematize such questions, the study presents, as conducting theme, a study on the movie *Shutter Island*, Martin Scorsese, EUA, 2010, in order to launch some reflexive propositions related to what can mean to carry out a survey and produce knowledge in the Education field. Thus, some general questions on the movie are indicated and in sequence, the current intentions of the author survey in his project of doctorate thesis, where the practice of Body without Organs enunciated by (1986) and evidenced by Deleuze and Guattari (1995-1997) has an important role when thinking of the Education field. At last, some tensioning is proposed through impacts of such reflections in the investigation.

Keywords: Survey and knowledge production. Education. Body without Organs.

Introdução

“Viver como um monstro ou morrer como um homem bom?”

Este artigo pretende lançar mão de certas questões investigativas que venho me propondo a trabalhar em meu projeto de tese e problematizá-las a partir de algumas inquietações que surgiram, mediante a assistência ao filme *Ilha do Medo* (*Shutter Island*, Martin Scorsese, EUA, 2010), o qual servirá como um fio condutor – potencializador de discussões e reflexões – no decorrer do texto.

No filme, os oficiais Teddy Daniels (interpretado por *Leonardo DiCaprio*) e Chuck Aule (interpretado por *Mark Ruffalo*) investigam a possível fuga de uma paciente do *Shutter Island Ashecliffe Hospital*, em Boston, uma suposta ilha-presídio-hospício que abriga criminosos perigosos com sérios problemas mentais. Neste cenário, o oficial interpretado por DiCaprio encontra resistência, por parte da diretoria do

hospital, em oferecer informações para sua investigação, além de sofrer de fortes dores de cabeça e de ser atormentado por lembranças de sua falecida esposa e pelos horrores vividos durante a 2ª Grande Guerra Mundial nos campos de concentração alemães. Por fim, em meio a momentos de profunda confusão e de incerteza de sua própria sanidade, Teddy Daniels acaba por descobrir que ele próprio é um paciente da ilha, recuperando-se do trauma de ter matado a própria esposa, da qual tinha lembranças difusas, após a mesma ter assassinado seus três filhos, e que Chuck Aule não era nada mais que o médico psiquiatra envolvido com seu tratamento.



Figura 1: *Frame* de uma das cenas do filme *Ilha do Medo* (*Shutter Island*, Martin Scorsese, EUA, 2010)¹

Inúmeras foram as reflexões provocadas em mim no que concerne à produção de conhecimentos no campo da pesquisa em Educação a partir deste filme. Afinal, que relevância tem nossos intuitos, nossos objetos e nossas problemáticas de pesquisa, para além de nós mesmos? Nossas pesquisas poderiam ser pensadas enquanto espécies de delírios onde criamos/invencionamos nossos próprios objetos para poder deles nos nutrir?

Já ao final do filme e ao dar-se conta de sua condição, prestes a ser lobotomizado², o personagem Teddy Daniels pergunta-se se valeria mais a pena “viver como um monstro, ou morrer como um homem bom?”, ou seja, seguir vivendo em seu delírio, sem encarar sua condição, ou dar-se conta de quem era e do que tinha feito, aceitando assim uma série de sofrimentos, já que, com essa última opção, nem sua esposa, nem seus filhos, tampouco sua sanidade seriam recuperados. Creio que tal questionamento pode ser bastante profícuo, ao pensarmos em nossas

pesquisas e nos intuitos que podemos ter *com* e *a partir* delas. Há uma verdade inquestionável a qual buscamos em nossas investigações? Há uma essência em nossos objetos investigativos, a qual se encontra oculta, profunda, que estou impedido de ver por algum motivo e que o ato investigativo me possibilitaria encontrar? E, nesse sentido, considerando que a resposta para tais questões – ao menos na perspectiva que parto aqui – não encontra eco, há algo (ou alguém) que não seja inventado, construído, colocado dentro de uma lógica aparentemente coerente, a fim de funcionar enredado em um contexto de complexidades o qual nos faz reconhecer certas coisas como “boas” e/ou “monstruosas”?

Já de início coloco que, neste texto, tentarei me distanciar de perspectivas essencialistas de pesquisa, as quais vislumbram um desvelamento de verdades ocultas, onde seria possível encontrar um *por de trás* dos objetos investigados e, assim, balizar conclusões irredutivelmente inquestionáveis. Nesse sentido, partirei como infere Foucault (1979, p. 07), da noção de que

O problema não é de se fazer partilha entre o que num discurso releva da cientificidade e da verdade e o que relevaria da outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos.

Nessa perspectiva, poderíamos inferir que tudo, inclusive nossos objetos investigativos e também nós mesmos, somos produzidos, inventados e localizados historicamente, afetados por inúmeros fatores e vistos em determinados momentos, conforme o contexto em que se dispõe a funcionar como ‘normais’ e/ou ‘anormais’, ‘verdadeiros’ e/ou ‘falsos’. Desse modo, o que está em jogo pensar aqui não se localiza em tais oposições binárias e, nesse sentido, não há uma essência à espera de alguém melhor ou mais habilitado a encontrá-la. O que possibilitaria que certas coisas sejam ditas e vistas ou não são os regimes de verdade impostos por relações de poder que regem “um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, suscetíveis de serem verificadas ou informadas por procedimentos científicos” (FOUCAULT, 1979, p. 04).

Desse modo, localizo algumas das questões investigativas que têm me ocupado atualmente, as quais têm constituído meus estudos de doutoramento. Posteriormente, procuro situar algumas das impressões causadas em mim em relação às discussões possibilitadas pelo filme *Ilha do Medo* e acerca do que pode significar fazer pesquisa e produzir conhecimentos no campo da Educação, a partir dos parâmetros citados anteriormente. Finalmente, busco alinhar de que modo posso pensar

minha própria pesquisa e o que tenho produzido nesse campo a partir dessa visualidade.

Desterritorializações e desestratificações no campo da Educação: Sobre uma pesquisa e um corpo (sem órgãos) em devir

Conforme pondera Deleuze (1988/1989) em seu Abecedário (série de entrevistas concedidas à jornalista Claire Parnet), “não há território sem um vetor de saída do território e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”.

Já, em *Mil Platôs* (1995-1997), Deleuze juntamente com Guattari lançam alguns “teoremas de desterritorialização”; dentre eles, o primeiro é o que me chama mais atenção nesse momento para pensar, a partir do filme *Ilha do Medo*, o ato de fazer pesquisa e de produzir conhecimentos no campo da educação, bem como meus atuais intuitos investigativos. Os autores ponderam que jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo em dois, entendendo que, inclusive a solidão é imensamente povoada.

Ou seja, os encontros profícuos que temos ao longo de qualquer jornada (entendendo que eles não acontecem somente com pessoas, mas também com coisas: objetos, visualidades, textos, entre outros) são fundamentais para que algo nos desperte o vetor de saída de nossas estabilidades para constituir novos espaços, novas ideias e até mesmo novos trajetos que não serão valorativamente melhores nem piores, mas sempre diferentes uns dos outros, um puro fluxo de devir³.

Desse modo penso que, assim como o próprio filme *Ilha do Medo* despertou em mim esse vetor de saída para reflexionar algumas ponderações acerca do que tenho produzido enquanto pesquisador no campo da Educação, esses encontros produtivos também podem ocorrer com nossos objetos de pesquisa, com autores que nos ajudam a pensar certas coisas sobre os mesmos, com achados que encontramos pelo caminho ou, até mesmo, com coisas que invencionamos, entendendo que essa saída não é da ordem de uma instabilidade eterna, mas de uma movimentação que acaba por se reterritorializar em outra parte, ainda que para desterritorializar-se novamente.

Quando nos desterritorializamos, estilhaçamos nossos contornos para constituir outros. O território pode ser analisado enquanto espaço no tempo não estanque que engloba tensões internas múltiplas e oferece

contornos os quais estão em autoformação constante, tal qual a própria individualidade. O movimento de desterritorialização é sempre imposto por um disparador, interno ou externo de qualquer natureza, que nos possibilita abandonar nosso lugar atual para constituir outro(s).

Deleuze e Guattari (1995b) propõem pensar que todo o estrato territorial é constituído por formas de conteúdo – mistura de corpos⁴ – as quais estão sempre em pressuposição recíproca a formas de expressão – mistura de expressos incorporais de toda a ordem, um interferindo sobre o outro, porém jamais um sendo confundido com o outro.

Há estratos por todos os lados, assim como há territórios. Não há como fugir completamente dos estratos, tampouco dos territórios; contudo, todo estrato (bem como todo o território) possui um vetor de desestratificação, voltado para um plano de consistência onde só há linhas de fuga, matérias não formadas e intensidades desestratificadas.

Pensemos assim, por um instante, nossas pesquisas e o que produzimos nelas – podemos nos reportar especificamente ao campo da Educação, já que é o que estou me propondo aqui a discutir – envolvida em estratos que se territorializam enquanto formas de conteúdo (agenciando corpos, pessoas, espaços, lugares, conjuntos arquitetônicos que produzem saberes e os colocam em prática) e formas de expressão (teorias, conceitos e métodos os quais são cuidadosamente tecidos a fim de interferir diretamente nos corpos envolvidos em tais ações). Se partirmos do que propõem os autores há pouco mencionados, nenhuma dessas instâncias é completamente fixa, cristalizada, ou seja, elas se interpenetram não podendo ser completamente separadas. Quanto aos estratos que elas compõem, apresentam sempre a possibilidade de se desestratificar, de serem precipitados ou arrastados num movimento de dissolução – dissolução esta não no sentido de serem extintos, mas de se tornarem sempre outra coisa em um movimento de devir contínuo.

Há aí algo que podemos associar ao que Deleuze e Guattari (1996) buscam já em Artaud para pensar uma experimentação, uma fabricação de um corpo sem órgãos. Dessa forma, evidenciam que não se trata de um mero conceito, mas de uma prática a qual envolve não unicamente o corpo físico, biológico, cotidiano, mas especialmente o corpo que serve de plano de imanência/consistência para o desejo⁵. O corpo sem órgãos não declara guerra aos órgãos, mas ao organismo hierarquizado; não é o próprio corpo físico nem se confunde com ele, porém dele precisa para que as intensidades ocorram.

Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro,

isto não em nome de uma generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas em virtude de singularidades que podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas. O campo de imanência não é interior ao eu; mas também não vem de um eu exterior ou de um não-eu. Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais o eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p 18).

É nessa perspectiva que minhas atuais ocupações de pesquisa consistem em pensar: *que tipos de maquinarias⁶ seriam possíveis se déssemos vazão à proposta de fabricação de um corpo sem órgãos, enunciada por Artaud e evidenciada por Deleuze e Guattari, a fim de fazer com que algo fuja, escape, vaze dos estratos que envolvem o campo da educação?*

Em um caráter ainda especulativo, já que se trata de uma pesquisa inicial em andamento, podemos conciliar que, pensar a Educação e as pesquisas desenvolvidas em meio a este campo, enquanto produção de conhecimentos, como práticas que interagem com a fabricação de um corpo sem órgãos, implica entendê-las não enquanto um receituário ou modelo a ser seguido, mas, sim, enquanto experimentações que se desenvolvem e que são construídas por meio de devires, singularidades, individuações, os quais buscam antes a multiplicidade, ou seja, a [...] “inexistência (...) de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito” (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p. 16). Não há, portanto, a universalização ou totalização de qualquer procedimento ou método que seja.

Nesse sentido, tenho pensado os processos e percursos formativos, entrecruzados por encontros de toda a ordem entre corpos provocadores de afetos (SPINOZA, 2010) os mais diversos, os quais aumentam ou diminuem as potências de agir dos corpos com os quais se encontram.

Nesse processo, há sempre, nos estratos e territórios, uma mistura díspar e sem hierarquia entre corpos e atributos incorporais que o compõe. Poderíamos entendê-lo como o agenciamento entre linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades e, claro, por outro lado, linhas de fuga e de desestratificação desses estratos, desterritorialização dessas territorialidades (DELEUZE & GUATTARI, 1995a).

Nos devires, há também inúmeras invenções de caminhos possíveis, caminhos que se constituem como desvios. Nem cá, nem lá completamente, mas sempre algo que escapa, que foge à usualidade da tentativa de totalidade e que pode passar a ser produtivo na

improdutividade. Blanchot (2010, p. 60) contribui com tal imagem ponderando que “a questão a mais profunda, é esta experiência do desvio no modo de um questionamento anterior ou estranho, ou posterior a toda a questão”.

Nesse sentido, ao retomar a prática de pesquisas no campo da Educação, percebo que ela não é feita em uma só direção ou dimensão, tampouco busca um ideal. Há em seu processo, bem como no que resulta parcialmente das mesmas, retornos, cruzamentos, circularidades e esquecimentos os quais são de uma grande potência inventiva, oferecendo-me inúmeros fragmentos que geram colagens, camadas e sempre novos disparadores de desterritorializações.

(Des)organizar organismos: o monstro e o homem bom ou a pesquisa loucura

Talvez pareça estranho falar de pesquisa e de ser pesquisador, utilizando o exemplo de um personagem diagnosticado como louco, como é o caso de Teddy Daniels em *Ilha do Medo*. Talvez pareça estranho falar de academia e, para isso, utilizar o exemplo de uma ilha-presídio-hospício. Talvez pareça estranho falar de produção de conhecimentos no campo da Educação e, para tanto, reportar-se a delírios, a um corpo desorganizado e não hierarquizado. Geralmente, ao falarmos de pesquisas, pesquisadores e comunidades acadêmicas, nos reportamos com uma postura de seriedade a produções, pessoas e espaços que, em nossa sociedade, ocupam o lugar de legitimadores de verdades quase incontestáveis e que estão muito distantes daquilo que chamamos de loucura ou de corpos desorganizados.

Contudo, a reflexão que proponho aqui, infere diretamente na ideia de que uma investigação, por mais séria e congruente que possa ser, é sempre mergulhada em regimes discursivos de verdade que a legitima como tal e que o que mencionamos e reconhecemos como uma aparente organização é algo que pode sempre ser revisto e rearranjado. O próprio diagnóstico da *loucura* pode ser pensado dessa forma. Foucault (1979, p. 04), conhecido em alguns momentos como o filósofo da descontinuidade, em certo momento afirma que

Meu problema não foi absolutamente de dizer: viva a descontinuidade, estamos nela e nela ficamos; mas de colocar a questão: como é possível que se tenha em certos momentos e em certas ordens de saber, estas mudanças bruscas, estas precipitações de evolução, estas transformações que não

correspondem à imagem tranqüila e continuísta que normalmente se faz?

Por esse viés, a pesquisa é sempre uma espécie de manutenção e inferência dessas ordens de saber e verdade, desses organismos estratificados, deflagrando mais as causas que ocasionam certas precipitações nos discursos do que o discurso em si, ou ainda as tramas que possibilitam que certas coisas sejam pensadas, ditas, vistas, colocadas em uma certa ordem e outras não.

Por tudo isso, a pesquisa é sempre um enfrentamento, um *perturbamento*. Longe de ser um ato contínuo, o qual opera em um lugar de certezas e estabilidades, nos lança constantemente a terrenos movediços, de incompletudes e sinuosidades, onde conseguimos firmar os pés no chão e dá-los por assentados por muito pouco tempo. Frente a problemas de ordem investigativa, colocando-nos em movimento constante de indagações e incompreensões. Retomando novamente a noção de corpo sem órgãos, a ele “[..] não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar [...], é um limite” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 09).

Os caminhos que inventamos na produção de nossas investigações – e aí incluo os conceitos apropriados de outros autores que convidamos para dialogar conosco, bem como todo o tipo de encontros que nos fazem tomar certos direcionamentos nas pesquisas – podem ser pensados dentro dessa lógica. Não significa que as trajetórias de pesquisa que selecionamos e assim seguimos, ou ainda os resultados que com elas nos deparamos são os únicos aceitáveis, ou os mais corretos, ou os melhores, mas, sim, os possíveis. Não significa que as pesquisas e as trajetórias que nos possibilitam problematizar as ideias que questionamos desvelarão algum tipo de verdade irrevogável ou *mais real*, mas as verdades e as realidades possíveis.

No filme *Ilha do Medo*, Teddy Daniels, mesmo encontrando-se com uma possível realidade sobre si – realidade esta de ter assassinado a esposa após a mesma ter matado seus três filhos –, ainda assim se pergunta se não seria melhor ter permanecido como um “monstro” e continuar vivendo, antes de ser lobotomizado e tornar-se um “homem bom” até o momento de sua morte. Poderíamos aqui pensar, também, uma morte simbólica, onde o Teddy Daniels, que vivia até então e pensava ser um oficial de polícia envolvido em uma investigação, desaparece e dá espaço a outro, anestesiado, dócil, caçado por seus próprios atos.

Creio que, em termos de pesquisa e de produzir conhecimentos em qualquer campo ou área, não se trata nem de uma coisa (ser um monstro e continuar vivendo) nem de outra somente (ser um homem bom e

perseguir a morte), mas, sim, de conseguir transitar pelas duas. Talvez seja preciso um tanto de loucura e de sanidade na mesma medida para se fazer pesquisa, ser pesquisador, inventar, transitar e dar vazão aos nossos intuítos e objetos investigativos. Talvez seja preciso (e o é) morrer muitas vezes, a fim de dar espaço para outros *eus*, outras singularidades nesse percurso. Talvez seja preciso desfazer o corpo, destitui-lo de seus órgãos e dobrar-se em uma torção cada vez mais ampla para questionar, olhar, sentir, ouvir o que até então não tínhamos condições de perceber. Não porque as coisas estivessem encobertas ou ocultas, ou profundas, mas simplesmente porque a elas não havia sido dado um foco tão evidente.

Contudo, Deleuze e Guattari (1996, p.22) alertam quanto à prudência relativa a esta torção. Desse modo pontuam que

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações [...] (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.22)

A loucura e a busca de um corpo não organizado, ou liberto do organismo, de que falo aqui, está longe de ser entendida pejorativamente como a valia de quaisquer parâmetros, ou ainda como a falta completa de critérios ou de seriedade e congruência para se fazer pesquisa e para produzir conhecimentos. Convido a pensá-los como a invenção de objetivos e de parâmetros próprios para alcançá-los, de métodos para que isso aconteça. Como resistência a certas realidades, mas invenção, produção de outras. Como o envolvimento e *mergulhamento* em parâmetros que são primeiramente compreensíveis para o pesquisador, mas que podem contagiar a uma comunidade ou parte dela. A pesquisa-loucura enquanto fabricação de um corpo destituído do organismo como invenção da própria pesquisa-loucura e, assim, do próprio corpo desorganizado e de seus objetos de interesse para continuar fervilhando, vibrando e (sobre)vivendo.

Desfamiliaridades, fragmentos e lembranças do que eu não vivi

O que são nossas pesquisas se não a compilação de fragmentos que vamos ordenando na tentativa de construir com eles um plano de significados possíveis, a partir de nossas temáticas e objetos de pesquisa?

Artaud (1986) propõe que ao corpo é dado o organismo e que, portanto, o homem sofre de uma enfermidade construtiva, já que depende

de órgãos para funcionar. A meu ver, o que Artaud propõe vai mais além de um corpo orgânico, mas se amplia para todo o tipo de organismo, de ente institucionalizado, organizado, hierarquizado. Podemos, assim, chegar até ao que ponderamos enquanto pesquisa e produção de conhecimentos no campo da Educação, o qual se coloca em um estado de funcionamento completamente orgânico quando aos fragmentos – a princípio desorganizados – que o compõem é dado um organismo, um funcionamento que se coloca como inquestionável.

Não nos atrevemos a mexer no que está posto. Não devemos mexer com o que está tão bem feito, tão organizado, tão destituído de quaisquer imprevistos, com o que funciona tão bem. Não entendemos o imprevisto, a ruptura como parte do processo. Fabricar um corpo sem órgãos, por sua vez, se trata de fazer com que essas coisas entrem em uma linha de fuga e produzam-se no próprio produzir, sem almejar somente estados acabados, blocos estratificados, mas dimensões que comportam brechas, falhas, silêncios em uma cadência que nem sempre é a mais harmoniosa.

Em suma, entre um CsO de tal ou qual tipo e o que acontece nele, há uma relação muito particular de síntese ou de análise: síntese *a priori* onde algo vai ser necessariamente produzido sobre tal modo, mas não se sabe o que vai ser produzido; análise infinita em que aquilo que é produzido sobre o CsO já faz parte da produção deste corpo, já está compreendido nele, sobre ele, mas ao preço de uma infinidade de passagens, de divisões e de sub-produções (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 12-13).

Há, nesse processo uma produção que lida com escombros, sobras e fragmentos, ao invés de margens bem delineadas de blocos uniformes. Esses fragmentos, nem sempre são resultantes de constatações ou de lembranças, mas principalmente de uma produção de sentidos a partir de invenções de realidades e de lembranças de situações ainda não vividas, possíveis a partir do enfrentamento com o *outro* da pesquisa – nossos objetos investigativos – outro este que por vezes pode reportar-se a nós mesmos.

Este outro nos interpela, nos desacomoda e nos *desfamiliariza*, possibilitando conjunturas múltiplas. A dita sanidade pode ser pensada como a conformação dessas desfamiliaridades, como a organização do organismo, onde tudo o que é estranho adquire um lugar para ser olhado, pensado e normalizado, colocado numa determinada ordem. Já a loucura pode ser vista como a aceitação dessas desfamiliaridades, onde a complexidade e a abertura das situações vividas nunca se conformam,

nunca encontram um encaixe, uma coerência, uma familiaridade, organização ou normalidade.

No filme *Ilha do Medo*, o personagem Teddy Daniels, a todo o instante, é interpelado por lembranças, algumas que vivenciou, outras que são fruto de sua mente, mas que acabam se tornando reais para ele. As sobreposições e justaposições de cenas proporcionam uma temporalidade única, produzida por diversas camadas de temporalidades. O tempo da guerra, as lembranças de sua esposa e o tempo que vivia com ela, algumas situações que ele não viveu, mas que, como fuga do tempo presente, talvez invente para viver em um *destempo*. É difícil, para o espectador da narrativa fílmica, compreender em que tempos as cenas acontecem, especialmente ao descobrir que Daniels, na verdade, é um paciente do hospício. É preciso, a partir dos fragmentos apresentados, produzir para a mesma uma possível continuidade.

Em nossas pesquisas, inúmeras vezes não aceitamos essa destemporalidade, essa descontinuidade, essa falência e esse estranhamento que são tão produtivos quanto o que já está instituído, normalizado. A pesquisa é uma experiência, e a experiência é feita de fragmentos múltiplos e descontínuos, da mesma forma os produz. Nós somos, enquanto pesquisadores, o resultado de fragmentos e descontinuidades e, do mesmo modo, os deixamos pelo caminho para que tantos outros os ocupem.

A investigação que estou produzindo em minha tese de doutorado está sendo construída mediante fragmentos resultantes de minha aproximação com a prática do Corpo sem Órgãos enunciada por Artaud e evidenciada por Deleuze e Guattari, bem como com tantas mais experiências que venho tendo durante as desterritorializações, as quais tenho me disposto a fazer nesse percurso, como no caso das reflexões lançadas acerca do filme *Ilha do Medo* assistido em uma das disciplinas curriculares obrigatórias do curso de doutorado em Educação. Lembranças vividas e também do que ainda não vivi, já que narrar alguma coisa é, em certa medida, lembrar-se de um fato e contá-lo de outro modo, dar a ele uma característica própria de modo que a narração se torne outra coisa que não o fato em si.

Referências

ARTAUD, A. Para acabar com o julgamento de Deus (1947). In: WILLER, C. [tradução, seleção e notas]. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. São Paulo: Escuta, 2010.

DELEUZE, Gilles. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética* [tradução e notas de Tomaz Tadeu]. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Filmografia

SCORSESE, Martin. *Ilha do medo* (Shutter Island). EUA: 2010.

NOTAS

¹ Fonte: <http://entretenimento.r7.com>

² Há algum tempo, a lobotomia – procedimento que consistia na retirada de uma parte do cérebro do paciente chamada ‘lobos’ – era usada em pessoas com certos tipos de doenças mentais como forma de acalmá-las. Atualmente, nesses casos a técnica cirúrgica foi substituída por medicamentos ou por psicoterapia.

³ Compreendo devir ao modo de Deleuze e Guattari (1997), não como um processo de mimese para chegar a um modelo, mas um fluxo contínuo que simplesmente devém, onde aquilo com que alguém se transforma muda tanto quanto ele próprio.

⁴ Os autores dão, a partir da filosofia estoica, a maior extensão para a palavra corpo, entendendo-o como todo o conteúdo formado. Ou seja, não está ligada somente ao corpo humano, orgânico.

⁵ Na perspectiva esquizoanalítica de Deleuze e Guattari, o desejo não é a falta e nem depende de fatores unicamente externos tal como na perspectiva psicanalítica (falta de algo, de alguém, de alguma coisa), mas sim produção de intensidades (ideia de fábrica, usina), imanência.

⁶ Segundo Deleuze e Guattari (1997), há máquina sempre que há um agenciamento prestes a se desterritorializar, a produzir variações e mutações.

Sobre os autores

Cristian Poletti Mossi é Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM), bolsista CAPES. Mestre em Artes Visuais (2010) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) dessa mesma universidade. Membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec).

Marilda Oliveira de Oliveira, Doutora em História da Arte (1995) e Mestre em Antropologia Social (1990), ambos pela Universidad de Barcelona - Espanha, é Professora do Programa de Pós Graduação Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/CE/UFSM/RS). É Coordenadora do GEPaec - Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura - Diretório CNPq. Editora da Revista Digital do LAV - Laboratório de Artes Visuais da UFSM/RS.

Recebido em 28 de agosto de 2012

Aceito em 20 de dezembro de 2013